



O NOSSO ANIVERSARIO

Com êste número, completa "A Defesa Nacional" o seu 38º aniversário, o que equivale dizer, de atividade incessante em prol do desenvolvimento e da divulgação dos conhecimentos técnico-profissionais militares.

Nascida da salutar reação dum pequeno grupo de jovens oficiais que vinham de estagiar em exércitos europeus, contra o marasmo em que viviam as nossas forças armadas, após quase meio século de paz, foi a nossa revista, em seus primeiros tempos, obra, pode dizer-se, exclusiva de seus redatores, que tinham diante de si a tarefa de pregar, de doutrinar e, por vêzes, de criticar e bater-se contra a rotina, na ânsia de rasgar novos horizontes à nossa intelectualidade profissional.

Não que fôssem inexistentes os oficiais cultos e amantes da profissão, capazes de darem ao nosso Exército a eficiência militar indispensável. Entretanto, se muitos já eram os oficiais formados pela Escola Militar da Praia Vermelha, grande era também a massa dos que se haviam formado sem os conhecimentos básicos indispensáveis, ou de mentalidade atrasada, embora procurassem todos cumprir os seus deveres da melhor maneira, na medida de suas possibilidades.

Por outro lado, dentre aquêles, nem todos se haviam emancipado de alguns preconceitos oriundos duma formação mais filosófica que militar; alguns humoristas consideravam ser de bom gôsto "revelar certo menosprêzo pela "tarimba", e até deixar aparecer a gravata civil pela abertura da gola da túnica, ou tropeçar propositalmente na espada quando em serviço no quartel. . ."

Alguns anos mais tarde, a adoção dum novo regulamento de ensino para a escola de formação de oficiais, o de 1905, menos científico, porém mais militar que o anterior, embora mediocremente executado, de início, veio contribuir sensivelmente para dar vida nova aos nossos corpos de tropa.

Apesar das falhas e insuficiências inevitáveis, pois que instrutores, mormente de oficiais, não se improvisam, foi a Escola Militar de Pôrto Alegre que lançou no seio do Exército mais de duas centenas de jovens aspirantes cheios de ardor e desejosos de se tornarem bons soldados.

Esse acontecimento, por feliz coincidência, secundava os esforços, iniciados pelos jovens camaradas mais antigos, constituindo-se, então, a falange dos "jovens turcos" que se havia de bater contra o império da "ordem unida".

Houve que lutar, era natural, contra a rotina e o comodismo de muitos, pois, sem dúvida, a vida era muito mais agradável de ser vivida quando a principal tarefa era aguardar, durante o "expediente", nos quartéis, a hora de ouvir a leitura da "ordem", e regressar a penates.

A salutar transformação, porém, não se fêz esperar muito e o progresso acentuou-se ainda mais, graças à pertinácia dos "jovens turcos" e da "missão indígena", apoiados por chefes esclarecidos. E dessa conjugação de esforços se foi formando o ambiente propício para que o benemérito Ministro General Cardoso de Aguiar pudesse, com pleno êxito, contratar a vinda ao Brasil da primeira Missão Militar Francesa.

Embora, por motivos que desconhecemos, a atuação dessa Missão tivesse sido limitada quase exclusivamente ao âmbito das escolas de oficiais, foram tão preciosos os conhecimentos transmitidos por aquêles mestres de escol, que aos "antigos" por êles beneficiados cumpre o dever de retransmiti-los, por sua vez, às novas gerações de oficiais.

A doutrina, os métodos e os processos de guerra, tal como nós as fizemos compreender os mestres da M.M.F., são de hoje como o foram de ontem. A última guerra mundial em nada os infirmou: ao contrário, só fez confirmá-los na sua essência.

Com efeito, a doutrina de guerra, dizia-nos Gamelin, não é um conjunto de axiomas com força de leis, mas um todo homogêneo que compreende: — uma concepção da guerra: luta entre duas vontades; — um método de raciocínio, que considera as questões de guerra sempre sob o mesmo ângulo: a missão, o inimigo, o terreno e os meios; — um princípio, o da economia das forças, não no sentido restrito de "parcimônia", mas no de justa repartição, isto é, engajar, em cada caso, tudo quanto fôr preciso, nada mais do que fôr preciso, quando e como fôr preciso.

A doutrina, acentuava, se não é imutável, só pode variar, entretanto, segundo as modificações essenciais do armamento: a complexidade dos processos, crescendo com o aperfeiçoamento das armas, exige do chefe militar conhecimentos táticos e técnicos cada vez mais desenvolvidos e, ao mesmo tempo, madureza de espírito no raciocínio, fertilidade de imaginação, calma na decisão e atividade na execução. Quanto ao método de raciocínio, este, pode dizer-se, é imutável porque se funda na lógica.

Os fatos da última guerra, nos seus aspectos e nas concepções, apenas refletiram as novas possibilidades criadas pela abundância e pelo poder dos engenhos de guerra, mas não abalaram os fundamentos da doutrina. E os que, iludidos pelo aspecto exterior dos fatos, julgaram que o material podia suplantar a concepção lógica da manobra, pagaram caro o seu equívoco.

A manobra é mesmo mais a arma dos fracos que a dos mais poderosos. E os conhecimentos que haurimos da M.M.F. são os que mais se coadunam com as nossas contingências de país de poucos recursos industriais e econômicos, o que exige dos chefes militares maiores prodígios de imaginação criadora e realista na conquista da vitória.

Seja como fôr, é inegável o progresso verificado nestes últimos trinta anos, mas cumpre não olvidar que as necessidades jamais são ultrapassadas pelas realizações: a tarefa é perene e há sempre o que acrescentar.

Organizar, armar e instruir um exército moderno é tarefa ingente, mas não insuperável; nada, porém, estará feito se a alma que deve dar vida à máquina de guerra não se houver cultivado e sublimado paralelamente: — a disciplina e a noção do dever, como bases da força moral.

Nem disciplina consciente, nem dever são coisas de regulamento, ou que se aprendam nos livros. Não são, igualmente, sentimentos natos, mas qualidades que se cultivam e se engrandecem para integrarem a alma do soldado. Disciplina é escravidão ao dever, e não há dever amoral ilegal nem deprimente. O espírito de disciplina é um dos maiores galardões do soldado. A obediência à lei e aos que a representam e a cumprem também, dignifica a todos. Só a inércia e a subserviência degradam.

Não há moral civil e moral militar, nem dever civil e dever militar. Fardado e em serviço ou em trajes civis na sociedade, o militar é sempre um militar. Não pode encarnar duas personalidades distintas e muito menos antagônicas. Ele aceitou livremente, e sob compromisso de honra, as restrições à sua liberdade individual que diferenciam, entre si, a sociedade militar e a sociedade civil. E o chefe, ou o soldado, que não encarnarem essa unidade espiritual, não compreenderam nem estão à altura de sua missão de sacrifício pessoal.

A "Defesa Nacional" viveu, nos seus trinta e oito anos de existência, tôdas as fases de vicissitudes e de glórias das nossas forças armadas, e sempre pugnou pelo progresso harmônico, conjugado e contínuo das forças materiais e morais do nosso Exército. Comemorando o seu aniversário, realizando o "milagre de viver" até hoje, como disse um dos nossos Generais, deu também uma prova de que a indiferença de muitos pode menos do que a dedicação de alguns; parece-nos justa e cabível, no momento, êsse rápido lance de vista retrospectivo.

Anima-nos a esperança de que a nossa revista, que é obra dos nossos camaradas que nela colaboram, seja, cada vez mais, o espelho da cultura profissional e geral dos quadros do nosso Exército.

...

Como é de justiça, e sempre fazemos prazeirosamente, congratulamo-nos, nesta efeméride, com aquêlo grupo de distintos camaradas que, a 10 de outubro de 1913, fundaram esta revista, e rendemos um preito de saudade aos que já se foram.